

CAPÍTULO 5

REFORMULAÇÃO NACIONAL

A SELFIE E O OUTRO

Quando me recordo do meu trabalho de campo, ainda não entendo o que levou Sebastião a tirar uma foto do meu armário em seu celular lascado da marca Samsung. Isso dito, quando procuro em meus registros, são essas estranhas imagens de objetos cotidianos que tornam o lugar e as pessoas reais para mim: bonecas penduradas para secar no varal, pesos enferrujados cobertos com grossa tintura branca, malas empilhadas contra o beiral de um prédio de apartamentos, paredes laranjas brilhantes que se ligavam, em minha mente, onde quer que ocorressem: casas angolanas no Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo e “em casa”, em Lobito, Benguela e Luanda. “Por que os angolanos gostam tanto de paredes laranjas?”, perguntei certa vez a Sebastião (Entrevista nº 62). Ele não sabia. Ele disse que suspeitava que havia um excesso de oferta dessa cor de tinta durante a guerra civil. Lentamente, deve ter se tornado “normal” e espalhou-se por aquilo a que Miguel Vale de Almeida refere-se como o “Atlântico negro”,¹⁴⁵ adentrando os espaços vividos pela diáspora e as várias lentes dos trabalhos de campo de estudantes de pós-graduação.

O Atlântico negro; paredes laranja; o vermelho, preto e amarelo da bandeira angolana; camisetas brancas de escola; um céu azul e alto. Como muitos de minha geração, que alguns estudiosos chamam de quase nativos digitais para descrever nossa relação com a tecnologia,¹⁴⁶ minhas memórias do espaço e dos lugares

145 Almeida (2004). Alguns leitores devem estar familiarizados com a noção de “Atlântico Negro”, de Paul Gilroy (1993), na qual ele descreve as influências culturais de pessoas escravizadas levadas da África para o Reunio Unido e os Estados Unidos. O Atlântico de Gilroy está acima do equador, entretanto, e intelectuais como Miguel Vale de Almeida escreveu muito sobre o resto do Oceano Atlântico, que flui ao sul e conecta a África à costa do Brasil. Almeida o chama de “Atlântico Marrom” para distingui-lo do conceito de Gilroy, mas também porque ao longo do Atlântico Sul havia muito mais diversidade racial. Este foi o assunto de muitos livros, então aqueles interessados podem ver a seção Sugestões de leitura para mais material a respeito.

146 Prensky (2001).

são proscritas visualmente, codificadas e arquivadas em imagens frequentemente armazenadas nas redes sociais e incorporadas por referências como números de curtidas e se meu pai fez ou não comentários ousados e afetuosos no *feed* público anexados a elas. A internet tem sido uma parte do meu mundo desde a infância e, embora eu estivesse viva na época em que minha primeira câmera fotográfica era uma Kodak de plástico rosa, cujo filme consumia todo meu dinheiro em troca de fotografias borradas dos gatos da casa, meu mundo tornou-se digital, e rapidamente também online, por volta do início de minha graduação na Cidade do Cabo em 2005.

Como estudante de pós-graduação, lembro-me de debater sobre o uso de redes sociais com meus colegas de classe durante um seminário de metodologia. Naquela época, nós estávamos a apenas alguns quilômetros do quartel-general do Facebook, e nosso departamento havia concluído recentemente um estudo sobre o uso do iPhone na metodologia do trabalho de campo.¹⁴⁷ Nossa turma estava dividida entre se era ou não uma boa ideia continuar a usar o dito caderno de campo de papel, tido como fetichizado, ou mudar para tecnologias como o iPad (“mas e se você derrubá-lo na água?” “Seu caderno também se desmancharia lá”), e ainda mais incertos no que dizia respeito ao uso do Facebook e outras plataformas de redes sociais no campo

Se *fosse preciso* usar o Facebook em campo, qual seriam os parâmetros éticos de tal uso? Ele possibilitaria ou atrapalharia o trabalho de campo? Seria preciso ter uma conta “pessoal” e uma “profissional” separadas?¹⁴⁸ Quais eram os limites sobre o que poderia ser compartilhado com amigos, profissionais ou com os próprios interlocutores na plataforma online? Deveríamos ou não enviar solicitações de amizade para nossos interlocutores? Se nós tivéssemos um perfil falso ou profissional (e o que isso quer dizer?), e os interlocutores se tornassem amigos “de verdade”, nós então deveríamos adicioná-los e estragar nosso disfarce inicial? Como muitas das conversas durante minha pós-graduação, essa serviu para complicar tudo e não resolver nada – mas de uma maneira útil.

Minha própria decisão, então, foi ser honesta e tão natural quanto possível. Planejava continuar usando o Facebook, mas moderadamente, nunca exibir os rostos das pessoas em campo se eu quisesse compartilhar detalhes da minha vida em Angola com meus amigos e minha família (a menos que eu tivesse a permissão deles ou eles mesmos tivessem postado a foto primeiro), adicionar ou aceitar solicitações de amizade apenas daqueles que eu conhecia pessoalmente e considerar cuidadosamente as consequências de qualquer post ou atualização de status tanto

147 Ames (2013).

148 Walton e Hassreiter (2015).

quanto eu fazia em minha vida cotidiana. Nunca havia sido uma grande usuária de redes sociais em primeiro lugar. Estava preocupada em relação à sombra que minha vida digital poderia projetar em meu trabalho de campo, até que me encontrei em meio a uma cadeia de eventos que se desdobraram como resultado de minha ligação e amizade genuína com pessoas que o governo vigente não aprovava.

Neste capítulo, meu objetivo é explorar o que acontece quando “o eu e o outro” da pesquisa etnográfica¹⁴⁹ se tornam “a *selfie* e o outro”.¹⁵⁰ Veio rapidamente à tona que minha preparação pré-campo havia falhado de uma forma fundamental, pois não tinha considerado de maneira suficiente como o uso de redes sociais por meus interlocutores poderia afetar – e, de fato, afetaria – minha pesquisa em todos os níveis. Descobri rapidamente que a imersão total significava mergulhar não apenas dentro do mundo físico dos meus interlocutores, mas também do digital, e tal imersão teve consequências gigantescas em termos de acesso, confiança e de informação prática cotidiana.

Em anos recentes, muitos pesquisadores começaram a explorar o impacto do uso de redes sociais na vida cotidiana em uma grande variedade de contextos culturais e sociais. Daniel Miller e seus alunos, entre outros, demonstraram que as redes sociais são usadas de maneiras diferentes e para propósitos diferentes, em diferentes partes do mundo.¹⁵¹ Isso não deveria ser surpreendente. Ao contrário, o que era atraente no contexto angolano era que os processos e práticas do uso de redes sociais estavam ocorrendo em um contexto de reformulação nacional, como desenvolvo aqui, no sentido de reconstituir um mundo por meio de imagens nacionalistas e propaganda que ressaltavam as mudanças, que eram reais, mas que raramente atingiam os angolanos médios. Esse processo de reformulação estava manifesto tanto na fotografia impressa quanto nos mundos digitais, e no qual minha participação era demandada ativamente.

Na primeira seção deste capítulo, exploro esse processo, começando com a memorização de uma imagem de um show de rock. Talvez de maneira surpreendente, não incluí as próprias fotos porque não as tirei com a intenção de reproduzi-las – elas eram os equivalentes visuais de notas rabiscadas e, no processo editorial, tornou-se evidente que elas não poderiam ser impressas. Foi uma importante lição:

149 Na antropologia e em outras disciplinas correlatas, o termo “o outro” foi tipicamente usado para se referir a pessoas de continentes inteiros sob a presunção de que o “self” é branco, hétero e ocidental. Escritores como Edward Said (1978) e Roberto Kant de Lima (2011) criticaram essa presunção, e a antropologia atualmente – ainda bem – é amplamente formada por acadêmicos que rejeitam tal definição. Eu rejeito, e a seção sobre ética que vem em sequência reflete acerca deste fato.

150 Essa expressão não é minha. James Ferguson, meu orientador de doutorado, formulou-a durante uma de nossas reuniões em 2016. Foi um exemplo de sua orientação perspicaz e, por vezes, hilária. Foi um privilégio trabalhar com ele.

151 Costa (2016), Horst e Miller (2012), Miller (2016).

é possível reescrever um registro de campo, mas não se pode tirar uma foto de um lugar distante novamente. Na segunda seção, recorro à teoria contemporânea para argumentar que a vida biopolítica das telas deve ser levada em conta nas etnografias e pesquisas de hoje em dia e, na terceira seção, argumento em favor da extensão da participação observante para os mundos digitais que moldam e refletem os mundos materiais que eles documentam.

No final de 2019, a alfabetização virtual sobrepõe-se de maneira crescente à necessidade de ler textos, e as tecnologias dos smartphones, combinadas a plataformas como o Instagram, permitem que todos se tornem autores com milhões de seguidores. Pergunto-me com frequência se, caso o Instagram fosse em 2013 o que é hoje, eu não teria criado uma página que refletisse a arquitetura fascinante da província de Benguela e, se eu tivesse feito isso, o que esse processo teria feito pela minha pesquisa. A realidade é que através das fotografias, tanto pesquisadores quanto pesquisados estão cada vez mais envolvendo-se no avistamento mútuo da cultura,¹⁵² mas aprender como peneirar os fatos da ficção ganhou um novo nível de importância e gerou muitas questões não resolvidas. Por exemplo, usar um filtro é o mesmo que editar uma transcrição de entrevista? Podemos borrar ou editar os rostos para driblar a obtenção de consentimento informado? Como endereçamos a privacidade visual quando fotografar uma casa significa revelar a identidade de interlocutores dentro da comunidade?

REFORMULAÇÃO NACIONAL: GARANTA ÀS SUAS CRIANÇAS UM PASSADO MELHOR

Uma de minhas primeiras experiências em campo foi ir assistir à filha de alguns amigos atuar em uma peça da escola (Registro de Campo 131026). Nós fomos de carro até um salão alugado onde o evento aconteceria, e eu observei, com curiosidade, tanto sua performance quanto a intensidade com a qual ela era documentada: uma pequena empresa de vídeo estava fazendo o “DVD oficial”, que, disseram-me, todos os familiares iriam comprar depois e, quase sem exceção, todos os membros da plateia estavam gravando o que se desenrolava em iPads e outros tablets, dando a impressão, de meu lugar no fundo do salão, de um mar fosforescente de telas brilhantes, com o palco assemelhando-se a um navio à distância.

152 Este é um jogo de palavras que faz alusão a alguns textos famosos dos anos 1980 chamados de debates sobre a escrita da cultura (*writing culture debates*), em que antropólogos começaram a realmente questionar se estavam de fato fazendo seus trabalhos sozinhos ou se o crédito também deveria ser concedido aos seus interlocutores (CLIFFORD; MARCUS, 1986).

Presenciaria o “mar de iPads” repetidamente durante meu trabalho de campo: em reuniões de escoteiros, nas escolas, em shows e no carnaval. As imagens eram colocadas nas redes sociais e no YouTube e compartilhadas com amigos. As pessoas marcavam-se umas às outras, e também a seus filhos, gabando-se e rindo (“kkkkkk” é como se ri online em português); frequentemente compartilhavam notícias, mas compartilhavam coisas que achavam engraçadas com muito mais frequência. Sem surpresa, e alinhado com o que tem sido documentado a respeito do uso de redes sociais em uma variedade de contextos culturais,¹⁵³ o conteúdo era quase inteiramente positivo: o objetivo era contar histórias de sucesso e felicidade, e compartilhá-las com um mundo o mais amplo possível. Muitas dessas fotografias permaneceram nos celulares e nas nuvens, mas algumas também foram impressas, e, em Lobito, muitas pequenas lojas – majoritariamente comandadas por imigrantes vietnamitas – conduziam um próspero negócio tornando materiais as fotografias digitais trazidas em aparelhos eletrônicos. Elas eram, então, trocadas como presentes, transformadas em calendários, colocadas em álbuns de família ou exibidas nas paredes.¹⁵⁴

Frequentemente me surpreendia em quando minha presença era “conhecida” em certos eventos: uma noite, fui a um show do músico angolano Yannick Afroman, que ocorreu no Cinema Kalunga, em Benguela, um anfiteatro a céu aberto transformado em espaço para shows. Minha amiga Victoria e eu caminhamos cuidadosamente pelo terreno inclinado com nossos saltos altos (tudo, menos obrigatório), equilibrando copos de plástico com cerveja em uma mão, celulares em outra, e bolsas pendurando-se em nossos pulsos. Posamos para *selfies* e fotos em grupo por centenas de vezes ao longo da noite e, de fato, no dia seguinte, no trabalho (eu era professora de música em uma escola primária), nos escoteiros (onde eu trabalhava enquanto voluntária) e onde quer mais que eu passasse, as pessoas comentavam sobre o meu vestido, o show como um todo e a música de Yannick Afroman. Minha presença no show fora documentada, observada e incorporada à vida social da cidade e daqueles ao meu redor e, a despeito de a outra pessoa ter ido ou não ao show, o acontecimento tornou-se um ponto de partida para conversas relativas à música, moda, raça, africanidade e identidade.

O tipo de experiência que passei – simultaneamente como pessoa vista e que vê – distanciou-se de grande parte da literatura sobre fotografia com a qual havia me envolvido anteriormente. Angola, como muitos outros países pós-guerra, foi marcada (algumas pessoas diriam cicatrizada) pela história das imagens nas quais

153 Bolton, Parasuraman e Hoefnagels (2013), Costa (2016), Miller (2016).

154 Muitos trabalhos importantes têm sido feitos sobre o uso da fotografia dessa forma. Ver, por exemplo, Strassler (2011), Vokes (2012) e Hjorth e Pink (2014).

as “lentes” do interesse internacional e, com frequência, do conhecimento nacional estiveram focadas primordialmente naquilo que era doloroso. De fato, durante minhas primeiras leituras sobre o país, fiquei chocada ao descobrir a existência de um concurso de beleza chamado “Miss Mina Terrestre de Angola”, em que vítimas de minas terrestres participavam competindo pelo título de rainha da beleza, em uma tentativa que, entre outras coisas, visava “questionar os conceitos estabelecidos de perfeição física”, “substituir o termo passivo ‘vítima’ pelo termo ativo ‘sobrevivente’”, e “divertir-se”.¹⁵⁵

Durante minha primeira viagem a Angola, em 2011, conheci um homem que havia editado recentemente o primeiro livro nacional de fotografias pós-guerra de Angola com texto em inglês e português: 186 páginas de pessoas comuns, paisagens e infraestrutura chamado *Angola, um país a renascer*.¹⁵⁶ Produzido pela organização sem fins lucrativos do então presidente, a FESA, o livro proclama que “a paz veio para ficar”.¹⁵⁷ Seu propósito, de acordo com seu prefácio, era “mostrar ao mundo que os angolanos são plenamente capazes de contribuir com a melhoria da raça humana”,¹⁵⁸ e tinha a intenção explícita de oferecer à comunidade global um modo diferente de “ver” Angola.

Angola, um país a renascer foi rapidamente sequenciada por uma segunda publicação, dessa vez em português, inglês e chinês, chamada *Cities and people of Angola*.¹⁵⁹ Esse último foi produzido bem a tempo de ser exibido no estande de Angola na Exposição Mundial de Xangai de 2010. De acordo com seu editor (a mesma pessoa que produzira o texto anterior), eles quase tinham perdido o prazo para impressão porque o presidente recusou-se a permitir a publicação até que o livro incluísse uma imagem de um homem andando de jet ski. Por que o presidente importava-se tanto com o jet ski? O editor não sabia me dizer com certeza, mas o propósito de ambos os livros era fornecer uma contraperspectiva sobre Angola – uma que enfatizasse infraestrutura e a paz do dia a dia. Também era obviamente para atrair investimentos estrangeiros, e os textos foram produzidos paralelamente à campanha midiática *Angola Faz!* que descrevi acima, e que era direcionada para um público interno. Juntos, os livros e a campanha podem ser lidos cingamente (caso não se acredite que representam uma versão da verdade) enquanto propaganda, pragmaticamente como uma reformulação nacional necessária para a emergência do estado neoliberal. A reformulação também é essencial se a intenção

155 MacKinnon (2008).

156 Cerqueira e Schul (2008).

157 Id. *ibid.*, p. 8.

158 Id. *ibid.*, p. 8.

159 Abrantes e Martins (2010).

nacional é sair do *capitalismo selvagem* em direção a uma estrutura econômica ligeiramente mais respeitável internacionalmente, ou, como sugiro, como parte de um processo de refiliação.

Por “refiliação”, não quero dizer que isso diga respeito à memória,¹⁶⁰ mas, ao invés disso, um processo de construção da nação explicitamente desenhado para mudar a forma como Angola era conhecida – tanto pelos próprios angolanos quanto pelos estrangeiros. Isso, em certos aspectos, não era diferente do que Toni Morrison¹⁶¹ descreveu ao tentar reimaginar ou retrabalhar um corpo percebido pelos outros enquanto “feito” em algo que pudesse ser reconhecido como “bonito”. Citei acima uma passagem do romance *Creole*, do autor angolano José Eduardo Agualusa. Em outro livro, traduzido para o inglês sob o título *The book of chameleons*, Agualusa¹⁶² fornece uma narrativa poderosa do motivo pelo qual importam as histórias pessoais e as memórias, e como elas são alcançadas na ficção que, talvez, está menos distante da realidade do que se pode pensar. Ambientado na Angola pós-guerra, o romance se desenrola na casa de Felix Ventura, um homem em cujo cartão de visitas lê-se “Garanta a seus filhos um passado melhor”.¹⁶³ Ventura vive rodeado por fotografias e excertos de jornais, e seu trabalho é recriar o passado para clientes que são “uma burguesia completamente nova”: como o texto explica, os clientes de Ventura são

homens de negócio, ministros, proprietários de terra, contrabandistas de diamantes, generais – em outras palavras, pessoas cujos futuros estavam assegurados. Mas o que faltava a essas pessoas era um bom passado, uma ancestralidade importante, diplomas. Em suma, um nome que ressoasse a nobreza e cultura. Ele vendia a essas pessoas um passado novo em folha. Ele desenhava suas árvores genealógicas. Ele fornecia a elas fotografias de seus avós e tataravós, cavalheiros de porte elegante e senhoras antiquadas. Os homens de negócio, os ministros, gostavam de ter mulheres assim como suas tias, ele prosseguia apontando para os porta-retratos nas paredes - velhas senhoras envoltas em tecido, burguesas *bessanganas* autênticas –, eles queriam ter um avô com o porte distinto de um Machado de Assis, de um Cruz e Souza, de um Alexandre Dumas. E ele vendia a essas pessoas esse sonho simples.¹⁶⁴

160 N.T.: Aqui, a autora utiliza o termo *re-membering*, aludindo à ideia de uma renovação do pertencimento a algo, mas que poderia ser confundida com uma alusão à ideia de rememoração.

161 Morrison (2007).

162 Agualusa (2006).

163 Id. *ibid.*, p. 23.

164 Id. *ibid.*, p. 23.

O trabalho de Ventura é semelhante à insistência do ex-presidente a respeito do jet ski no processo de reimaginação nacional, e é um exemplo da refiliação nacional. Os mares de iPad do show em Benguela e as brincadeiras de criança em Luanda também não são dessemelhantes: em todos esses casos, o que está em jogo é a imaginação visual do que se é. Se a identidade é estruturada apenas por representações de sofrimento, fica difícil transcendê-lo. Mas se a identidade é estruturada por jet skis, “burgueses *bessanganas*” e shows de rock sob as estrelas, futuros alternativos tornam-se muito mais fáceis de ser imaginados – embora não menos difíceis de ser alcançados (e, talvez, como resultado dessa imaginação, tornam-se também mais decepcionantes ao permanecerem como uma esperança distante). Na seção seguinte, abordo o processo de fabricar tais futuros alternativos através das telas, do poder que tais tecnologias cada vez mais têm em termos de mundo-real e as implicações desses futuros alternativos para o trabalho de campo quando não se dá a eles o devido respeito.

TELAS BIOPOLÍTICAS: ESTRUTURAS DA VISÃO

Durante o tempo em que vivi em Lobito, uma das relações mais importantes que construí foi com uma ONG bastante conhecida cujo trabalho era focado na garantia dos direitos humanos e da democratização. Visitava suas instalações quase todos os dias, e o diretor, os funcionários e os participantes tornaram-se facilitadores extremamente importantes para o meu trabalho, além de grandes amigos. Essas amizades eram significativas tanto no meu dia a dia quanto nas redes sociais; no dia a dia, para conversas, risadas, apresentando-me outras pessoas e conhecimento sobre Lobito, e online em razão dos artigos, blogs, vídeos e redes de contato que essa pessoas traziam para meu foco de atenção, e que, de outra forma, teriam permanecido invisíveis para mim. Algum tempo após o início de meu trabalho de campo, um grupo baseado em Luanda, que tinha algumas conexões com essas pessoas, produziu um DVD chamado *Geração da Mudança: o despertar de uma geração anestesiada: 32 é muito*.¹⁶⁵ O número 32 referia-se aos anos no poder do então presidente do país, José Eduardo dos Santos, que havia assumido o cargo em 1979. O *Geração da Mudança* contribuiu com um discurso antipresidente crescente, disseminado, em parte, por um grupo de jovens conhecidos como os *revus*.¹⁶⁶ Como tantos outros, estava interessada no DVD, e encomendei uma cópia. Ela foi devidamente arranjada pelo pessoal da ONG, e concordei em participar em sua

165 Chipilica (2014).

166 Pearce, Péclard e Oliveira (2018).

campanha publicitária nas redes sociais, permitindo que eles me fotografassem com o DVD nas mãos.

Assisti ao filme com interesse, mas não pensei mais sobre aquela foto até vários meses após o episódio. Dando continuidade ao meu trabalho de campo no Rio de Janeiro, Brasil, tive uma discussão inesperada com outro interlocutor. No Rio, trabalhei de maneira muito próxima aos funcionários do consulado angolano, pois eles me conectavam à vida social angolana na cidade, especialmente por meio de seu centro cultural. Tornei-me amiga de um jovem rapaz de Benguela que chamo de Xavier, e cujas experiências como estudante universitário no Brasil tornariam-se parte fundamental da minha tese de doutorado. Uma tarde, enquanto assistia à partida de futebol semanal de um campeonato angolano amador que ocorria não muito longe do consulado, ele me puxou de lado. O diálogo que se seguiu foi mais ou menos assim.

“Jess, nós temos um problema.”

“Temos? O que foi?”

“O problema é que você é amiga de alguns revolucionários, e por isso o consulado quer parar sua pesquisa.”

“Amiga de revolucionários?”

“Sim. Nós vemos o tempo todo no Facebook. Nós achamos que você pode ser da CIA e está tentando derrubar o regime” (Registro de Campo 140830).

Ser confundida com uma agente da CIA não é incomum na antropologia, nem uma sugestão desarrazoada dada a longa imbricação da disciplina com aparatos de segurança de vários Estados e governos.¹⁶⁷ Percebendo rapidamente que ele falava sério, fiz o meu melhor para assegurar a Xavier o quão incompetente eu seria como espiã (pensando em retrospectiva, uma decisão deveras questionável), e revelei que estava ali recebendo uma bolsa do governo brasileiro, não da National Science Foundation, dos EUA, ou de sua equivalente sul-africana – algo que ele prontamente checkou online usando seu telefone.

Depois de uma breve discussão, veio à tona o fato de que a suspeita havia surgido a partir da minha fotografia segurando o DVD supracitado. Sem meu conhecimento, ela havia sido postada em diversos outros blogs e um funcionário do

167 Gordon (1987), Max (2008), Price (2016).

consulado havia visto e me reconhecido. Isso, então, levava a uma investigação minuciosa de meus perfis nas redes sociais, e, a despeito da razoável estrutura de segurança de meu perfil, evidências sobre as minhas amizades com indivíduos em particular já conhecidos por suas visões antiestado foram consideradas extremamente problemáticas e suficientes para motivar uma ameaça de suspensão de minha pesquisa.

Quando cheguei a casa naquela noite, decidi escrever à diretora da ONG pelo Facebook, e ela, para minha surpresa, estava online apesar de ser por volta de 3 da manhã no horário de Angola. Também escrevi para alguns de meus amigos mais ativos nas redes sociais perguntando se eles poderiam simplesmente parar de me marcar em seus posts de modo que minhas tentativas de frequentar mundos diferentes – apoiadores do governo e elementos da sociedade civil que, à época, se opunham ao governo – fosse menos visível. Escrevi uma mensagem simples para todos eles dizendo o quanto gostava de seus posts, mas explicando que alguns de meus trabalhos atuais envolviam entrevistas com oficiais do governo e, portanto, eu precisava não ser marcada em seus posts. Para minha surpresa, como dito anteriormente, a diretora respondeu imediatamente: ela estava furiosa. Ela me acusou de ser contra a liberdade de expressão, apoiadora de um ditador, contra a democracia, uma vendida e uma traidora. Estava sentada de frente para o computador e me sentia chutada no peito, suspeitando bastante que ela se sentia da mesma forma. Confiança é algo crítico para a pesquisa etnográfica, assim como tentar entender a realidade a partir do maior número de perspectivas possíveis. Neste caso, naquele momento senti que essas duas necessidades eram fundamentalmente incompatíveis uma com a outra – o debate estava por demais polarizado para ser possível construir pontes.

Por fim, eu pude, de maneira prática, completar minha pesquisa (o meu visto não foi revogado), mas frequentemente penso no que perdi por meio dessas interações – ironicamente, tanto com aqueles que serviam ao regime quanto com aqueles que o criticavam. Minhas tentativas de uma neutralidade amigável foram comprometidas pelas redes sociais, o que obviamente também refletia uma certa verdade: eu *era* amiga de pessoas que eram críticas do Estado, e eu mesma não era, na verdade, neutra em relação às minhas posições e visões, mesmo que eu fosse diplomática o suficiente para manter tais posições e visões em segredo. Eu era recorrentemente lembrada que a neutralidade não era possível,¹⁶⁸ e meu erro foi pensar que só porque meu interesse sobre a perspectiva do consulado angolano *também era* sincera, eu poderia, de alguma forma, transcender à regra do “ou você está conosco, ou está contra nós” que era fundamental para a forma como o aparato do Estado angolano operava à época.

168 Hammersley (1999).

Na era do *big data*, o trabalho de campo está mudando rapidamente, e depois dessa experiência, comecei a ler bibliografias sobre as novas mídias de maneira muito mais séria e comprometida. Duas ideias em particular me chamaram a atenção. Em um artigo intitulado *The New Visibility*, John B. Thompson faz uma reflexão sobre a tortura de prisioneiros iraquianos em Abu Ghraib, uma prisão gerenciada pelos EUA localizada em Bagdá. Em 2004, imagens de tortura e outros abusos foram levadas ao conhecimento público e tornaram-se o que ele chama de “um novo mundo de visibilidade mediada”¹⁶⁹ no qual, ele argumenta, indivíduos e organizações usam imagens como partes explícitas de suas estratégias nas lutas cotidianas – um ponto que ficou ainda mais evidente pelo uso das plataformas de redes sociais, imagieria e vídeos por grupos contemporâneos como o Estado Islâmico.¹⁷⁰ Em circunstâncias muito diferentes, o antropólogo estadunidense Danny Hoffman escreve sobre imagens da natureza em Serra Leoa como “ícones do contexto social”,¹⁷¹ o que provoca questões não apenas sobre a imagem em si mesma, mas sobre as circunstâncias mais amplas de sua produção e circulação. Dando os retoques finais nas provas deste livro, no fim de 2019, já vejo o quão datado parte deste material pode parecer – e isso também é um novo desafio da etnografia contemporânea.

O historiador da arte norueguês Pasi Väliäho levou esse ponto muito mais além. Em *Biopolitical screens: image, power and the neoliberal brain*,¹⁷² ele explora os efeitos dessas tecnologias por trás da produção das imagens – as telas, de maneira mais notável – sobre como o mundo é feito e experimentado. “As telas e as imagens que elas materializam, ecoam e evocam eventos psíquicos e somáticos”, ele escreve, “tecendo-nos e nossas visões internas em tecidos sociais de afetividade, desejo, significado e comportamento que compartilhamos uns com os outros como seres coletivos”.¹⁷³ Väliäho interpreta as tecnologias de tela dos videogames aos controles de drones em paralelo com o trabalho do teórico social Michel Foucault, para considerar como as interações com as telas (e, através da nova tecnologia de realidade virtual, também as projeções) têm consequências nas maneiras como as pessoas interagem, brincam, cuidam e, às vezes, matam umas às outras – este último, uma experiência explorada em aguda profundidade na etnografia da guerra com drones de Hugh Gusterson.¹⁷⁴

169 Thompson (2005, p. 35).

170 Farwell (2014), Klausen (2015).

171 Hoffman (2007, p. 104).

172 Väliäho (2014).

173 Id. *ibid.*, p. 1.

174 Gusterson (2016).

Interações humanas, Väliaho explica, são crescentemente baseadas nas imagens pixeladas de seres humanos que estão longe de qualquer percepção sensorial e além da visão: não há cheiro de sangue quando se mata com um drone, nenhum som de uma bomba caindo ou qualquer estímulo sensorial para viver e reviver como parte de uma revisão ética – no máximo a experiência de apertar um botão ou clicar em uma tela, talvez um pouco de suor. Entretanto, como o documentário *Human Terrain*, que aborda o uso de cientistas sociais no esforço de guerra moderno, demonstrou,¹⁷⁵ isso também pode ser superado com treinamento. Em todos esses exemplos, o que vem à tona não são apenas imagens que refletem o mundo a nossa volta, mas que ativamente também o *produzem*, influenciando “os filmes em exibição em nossos cérebros... para trazer para o primeiro plano o ‘presente emergente’, um momento de imaginação e pensamento que consegue vislumbrar o que ainda não foi construído, mas que poderia ser”.¹⁷⁶

O que Angola poderia ser, e o que é possível ser em Angola? A resposta para esta última pergunta é certamente “muito mais do que uma vítima de guerra”, o que pode, em parte, ser a razão pela qual os filhos do antigo líder da oposição Angolana processaram os produtores do jogo *Call of Duty: BlackOps III*, que retrataram seu pai como um “bárbaro”.¹⁷⁷ Que um ser humano como Jonas Savimbi tenha aparecido nesse jogo diz, antes de mais nada, bastante sobre como o próprio jogo reflete os estereótipos e metáforas dos sistemas mundiais contemporâneos. Que os produtores tenham pensado que poderiam passar incólumes com tal produção sugere uma presunção incorreta de conexão assimétrica. Em todos os exemplos dados nessas páginas até agora, é possível “ver” as propriedades criadoras de vida das telas: em uma imagem capturada de um armário no Rio de Janeiro, um show em Benguela, um jet ski em um livro de fotos, um videogame e em processos de produção etnográfica. No mundo contemporâneo, “os filmes em exibição em nossos cérebros” são mais que lentes que informam como vemos o mundo – eles ativamente moldam nossas decisões sobre onde ir, com quem interagir e como responder quando nos conhecemos pessoalmente.

RINDO NA INTERNET

Em 29 de agosto de 2014, surgiu uma piada na página do Facebook dos Escoteiros Angolanos. O texto dizia o seguinte:

175 Human (2010).

176 Väliaho (2014, p. 129).

177 Stuart (2016).

O presidente da República [de Angola] viajou para o Brasil com o vice-presidente. Na viagem, o vice-presidente Manuel Vincente disse: “Eu poderia jogar cinco mil pela janela notas de kwanzas e fazer cem pessoas felizes”. [O presidente] José Eduardo respondeu: “Você gosta de competir comigo! Eu sou rico, eu poderia jogar pela janela dinheiro suficiente para fazer uma província inteira feliz”. Manuel respondeu: “Eu sei, acalme-se. A única pessoa pobre entre nós é o piloto”. O piloto, então, falou: “Vocês é que deveriam estar pensando. Eu poderia arremessar o avião no chão e fazer o país inteiro feliz”.

A piada era surpreendente menos em razão de seu conteúdo, e mais em virtude de seu contexto naqueles anos. Em 2016, Angola foi apontada como o 125º lugar de um ranking realizado pelo Repórteres Sem Fronteiras que analisava a liberdade de expressão de um total de 180 países (em 2018, era o 121º lugar, e o ranking mais recente pode ser visto em <https://rsf.org/en/angola>) – e críticas ao Estado poderiam resultar, e frequentemente resultavam, em punição, como já argumentei neste livro. À semelhança do DVD descrito anteriormente, entretanto, a piada refletiu uma mudança de humor entre a população mais jovem de Angola, um grupo que, pela primeira vez em quase quarenta anos, estava envelhecendo sem crianças marcadas pela guerra. Muitas pessoas riram publicamente nos comentários (“kkkkkkkk!!!”), algumas elogiaram a piada por sua precisão. Muitos outros expressaram choque que as pessoas pudessem tomar a liberdade de fazer críticas – um choque justificado em 2016, quando quinze jovens foram presos simplesmente por fazer parte de um grupo de leitura e por trabalharem o texto do cientista político estadunidense Gene Sharp, *From dictatorship to democracy*.¹⁷⁸

Enquanto estava conduzindo meu trabalho de campo, a página de Facebook e o blog *Humans of New York*,¹⁷⁹ do fotógrafo estadunidense Brandon Stanton, estava no auge – inclusive de Angola –, e surgia quase diariamente em conversas. Ao mesmo tempo, outro estadunidense, Pharrell Williams,¹⁸⁰ havia lançado um single intitulado “Happy”, que rapidamente inspirou “vídeos tributo” em todas as partes do mundo, inclusive por meus alunos de música da 6ª série na escola onde eu lecionava em Lobito. Inspirados pelo que estavam vendo online, meus alunos negociaram, com sucesso, a possibilidade de fazer um vídeo para o YouTube ao

178 Marques (2015), Moorman (2015).

179 O blog *Humans of New York* iniciou seus trabalhos em setembro de 2010. O livro de Brandon Stanton (2015) reúne todos os textos postados em seu sítio.

180 Williams (2013).

invés de escrever uma prova final de forma a “participar no mundo” e “mostrar Lobito [para o mundo]”.¹⁸¹

Embora não seja de forma alguma representativo do país todo, esses jovens de 18 anos de idade, e também os escoteiros que postaram a piada no Facebook, são parte de um grupo que o educador estadunidense Marc Prensky¹⁸² chamou de “nativos digitais”, aqueles que cresceram ao lado de pares de classes equivalentes ao redor do mundo, conectados através da tecnologia e familiarizados com seu uso. Esta também é a audiência para quem este livro majoritariamente foi escrito. Prensky não se refere “ao mundo” em larga escala, ou aos impactos desiguais da globalização¹⁸³ e do acesso à tecnologia,¹⁸⁴ mas as questões que ele levanta sobre como as gerações podem pensar e agir radicalmente diferentes umas das outras são certamente relevantes para Angola, e para qualquer um interessado em metodologias de trabalho de campo.

Há um paradoxo interessante em jogo entre o local e o global no caso das imagens da mídia. As linguagens da internet ainda importam (cada vez menos, à medida que as tecnologias de tradução se tornam mais sofisticadas), mas as fronteiras geográficas são menos e menos significativas na criação e na manutenção de comunidades imaginadas muito reais, e o nacionalismo, tão bem descrito por Benedict Anderson,¹⁸⁵ está sendo cada vez mais rompido pela co-criação de conhecimento global no qual as imagens desempenham um papel fundamental. Não obstante, pessoas ainda são geograficamente localizadas, e atividades “subversivas”, como a postagem de uma piada descrita anteriormente, podem ter consequências radicalmente diferentes, a depender de como e onde os autores estão de fato baseados. O ano de 2018 foi agitado por revelações sobre as maneiras como os dados do Facebook poderiam, e, de fato, eram vendidos, com manipulação das plataformas e utilizadas para influenciar não apenas indivíduos, mas o resultado das eleições (Cambridge Analytica, etc.). Seguindo adiante, não é claro se a internet continuará a funcionar da forma como funcionava na primeira parte do século XXI, ou tornar-se-á monetizada, securitizada e limitada à semelhança do mundo que representa.

Na mídia anglófona, no foco de muitas novas histórias que dizem respeito à Cambridge Analytica, e além dela, estava os Estados Unidos, que tem simultaneamente os recursos econômicos para explorar o que estava acontecendo, e uma imprensa independente bem formada e com recursos, determinada a desvendar ao menos uma

181 Auerbach e Colégio (2014).

182 Prensky (2001).

183 Ferguson (2006).

184 Piot (1999), Skuse e Cousins (2008).

185 Anderson (1990).

versão mais coerente da verdade. O que os EUA parecem estar ignorando era a vontade política para agir a respeito disso. Outro meme que circulou em 2018 logo antes da eleição nacional brasileira comentava ironicamente: “*Nunca imaginei que o futuro da democracia brasileira fosse depender do PT aprender a usar o WhatsApp*”. Independentemente de o Partido dos Trabalhadores aprender ou não a usar o WhatsApp, eles perderam as eleições, em parte em razão das mensagens circulando nas redes sociais, difíceis de serem checadas. O mesmo pode ser argumentado sobre o Brexit,¹⁸⁶ e também sobre como o Facebook agiu como instigador da limpeza étnica de Myanmar.¹⁸⁷ Quem faz a internet, e quem (ou, na era da inteligência artificial, o que) determina o que é visto, e por quem?

VERDADES OU MENTIRAS DO INSTA?

Como é possível compreender não apenas verdades parciais, mas também visões parciais? O termo “mentira do Insta” (*Insta lie*) provavelmente é familiar para qualquer leitor com menos de vinte e cinco anos, mas talvez menos para os de outras faixas etárias. Em um vídeo popular do YouTube intitulado “Você está vivendo uma mentira do Insta?”,¹⁸⁸ as pessoas são filmadas passando maquiagem antes de ir para cama para se fotografarem deitadas em seus travesseiros, carregando as bicicletas morro acima para, de lá, dizerem que se exercitaram, e postando fotos animadoras de relacionamentos que parecem problemáticos – tudo para satisfazer a necessidade de curtidas nas redes sociais. A maior parte dos usuários do Instagram tem bastante consciência a respeito da realidade que ele reflete, mas isso não muda seu desejo de narrar uma verdade pessoal que, de algum modo, é aspiracional. O que acontece quando isso se dá também em nível nacional?

Verdades visuais são veementemente contestadas, e geralmente há diversas perspectivas diferentes. Movimentos como o #TheAfricaTheyDon'tShowYou ou #SomeoneTellCNN são exemplos do poder que as mídias sociais têm para mudar narrativas globais de formas importantes e, nesses casos, as pessoas da África estão respondendo às lentes do norte global. A maioria das pessoas escolhe compartilhar beleza muito mais do que retratar o que é feio, sabendo muito bem que as imagens têm o poder de fabricar mundos, de trazê-los à existência, mas imaginações visuais são moldadas pelas mesmas forças geopolíticas que subsidiam outros domínios da vida cotidiana. Cada vez mais estudiosos têm tentado compreender não apenas

186 Cadwalladr (2019).

187 Veja os comentários de John Oliver: <http://www.youtube.com/watch?v=OjPYmEZxACM>.

188 “Are you living an Insta lie?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0EFHbruKEmw>. Acesso em: 15 fev. 2021.

o que é dito ou escrito, mas também aquilo que é mostrado e exibido. Tudo isso torna-se muito mais complexo quando levamos em consideração os vieses raciais e sociais dos algoritmos,¹⁸⁹ e as formas nas quais a própria conectividade é com frequência desigual e imprevisível.

A internet modificou a maneira como muitas pessoas vivem, e os métodos e ética das pesquisas indiscutivelmente estão apenas começando a se inteirar disso. Não conseguimos separar nossas personas online ou corporificadas nos processos de envolvimento com os outros, pois isso nos coloca sob o risco de duplicidade em um espaço já dúbio. Isso por si só não é nenhuma novidade: nossas personas offline também são cuidadosamente manejadas, e nós certamente não compartilhamos tudo com todo mundo – a história humana inclui milhões de exemplos de momentos em que um pedaço de informação é compartilhado com alguém, e então metamorfoseia-se em uma “verdade” diferente. Dada a emergência das notícias falsas e a crescente complexidade da confiança enquanto uma base para a comunicação humana, pesquisadores agora têm que lidar com a existência de uma “verdade” cada vez menos coerente à disposição, ao menos da forma como a verdade era compreendida no século XX, e têm que aceitar que seus próprios corpos serão interpretados por meio de filtros metafóricos e baseados em imagens de câmeras.

Finalmente, é importante lembrar que o conhecimento sempre é corporificado. Os olhos são apenas uma pequena parte da ferramenta que nossos corpos representam e, embora nós possamos sentirmo-nos crescentemente à vontade com uma versão de antropologia de gabinete do século XXI¹⁹⁰ – um efetivo consumo massificado de “mentiras do Insta” –, o olhar não nos ensinará sozinho como devemos sentir, ou se as pessoas estão nos encarando de volta ou não, ou a editar nossa perspectiva por meio da Wikipedia. Se o objetivo é a compaixão, sentir em conjunto a outros, tornar o mundo “seguro para a diferença humana” da forma como nossos ancestrais etnográficos sugeriram, ainda é necessário mergulharmo-nos nos mundos offline: cheirar, sentir gostos, tocar e escutar até, ou, talvez, especialmente, quando o tópico da conversa é quantas curtidas do Instagram um dado post conseguiu.

ÉTICA DE TRABALHO DE CAMPO: SETE PÓS-IMAGENS

Uma pós-imagem é aquela que permanece depois que se deixa de olhar a uma dada figura, foto ou espaço; essa seção é sobre algumas das pós-imagens que per-

189 Buolamwini e Gebre (2018).

190 “Antropologia de gabinete” é o termo usado para descrever interpretações do mundo feitas por acadêmicos baseadas em relatórios ou relatos de viagens escritos nos séculos XVIII e XIX.

maneceram em minha mente desde que eu concluí a pesquisa que levou a este livro. Durante meus últimos anos na escola primária, a Comissão da Verdade e Reconciliação (*Truth and Reconciliation Commission – TRC*) iniciou seu trabalho na África do Sul. De 1996 a 1999, de quando eu tinha 11 anos até meus 13, os canais de notícias conduziam atualizações quase diárias do processo que abriu e tentou curar as feridas de um dos regimes políticos mais violentos da história. O assunto da Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR) da África do Sul está além do escopo deste livro, embora valha notar que Angola ainda não tenha tido nada similar; sua relevância aqui tem mais relação com os processos de tradução e de ética. Recordo-me vividamente de assistir partes das audiências da CVR na televisão e de ler sobre elas depois nos jornais que tínhamos em casa. Lembro-me que eles transmitiam com tradução simultânea e, às vezes, as câmeras voltavam-se para as cabines de tradução, onde homens e mulheres que falavam todas as onze línguas oficiais da África do Sul canalizavam as narrativas que estavam sendo compartilhadas de forma que todo o país pudesse ouvi-las.

Por volta de vinte anos depois, solicitaram-me uma resenha de um filme para uma revista acadêmica. *A snake gives birth to a snake*¹⁹¹ é um documentário sobre esses tradutores, e eu não tenho problema em admitir que ele me fez chorar. Chorei tanto assistindo ao filme que me levou seis horas para que eu conseguisse terminá-lo, pois precisava pausá-lo de tempos em tempos. Chorei por conta de seu conteúdo, mas também porque o filme lembrou-me o medo que tinha de crescer enquanto uma sul-africana branca nos poucos anos após o fim do apartheid. Sempre me perguntei quem eu teria sido se eu tivesse nascido apenas quinze anos antes. Teria eu tido coragem para ser presa, exilada ou ser submetida à tortura, ou teria eu evitado correr riscos, fechado meus olhos e me preocupado com minha vida às custas de outros seres humanos? O filme faz três perguntas importantes, e que são muito importantes aqui. Primeiro, “nós precisamos perdoar o passado para sobreviver ao futuro?”. Segundo, “podemos sair incólumes?”. E terceiro, “o que você tem que fazer para mudar um rosto?”.¹⁹²

A terceira pergunta é a mais importante, pois diz respeito à narrativa que se compartilha com os outros. No filme, os tradutores reconhecem que suas escolhas de palavra podem determinar se alguém é visto como vilão ou como herói – uma pessoa digna de curiosidade, empatia, ou um monstro desumano. Eles perceberam isso ao mesmo tempo que processavam suas próprias emoções relativas a terem sido pessoalmente afetados tanto pelas audiências quanto pelo próprio apartheid. De certo modo, isso é ligeiramente semelhante ao processo da etnografia, em que

191 *A snake* (2014).

192 Cf. Auerbach (2019).

pesquisadores mergulham em um dado contexto social, e então refletem isso de volta sobre o texto para que outras pessoas leiam a respeito da experiência, como você está fazendo aqui. Por um longo tempo, a antropologia e outras disciplinas reconheceram a complexidade ética desse processo, e muito pouco trabalho é conduzido hoje em dia que não obedece a códigos e regulamentos cuidadosamente considerados, com a máxima bastante ampla, mas muito abrangente, de “não faça mal algum”. Ainda assim, a realidade é frequentemente muito mais complicada que isso.

Pouquíssimas etnografias requerem que o pesquisador lide explicitamente com os desafios e escolhas éticas que seu empreendimento exige. Antropólogos e outros comprometem-se ao “não faça mal algum”, e, ainda assim, quase todos os pesquisadores conseguem recordar momentos que os assombram – muito semelhante aos tradutores da CVR, que se descobriram assombrados por toda sua vida pelas narrativas que escutaram. Elas continuavam a viver como pós-imagens em nossas mentes e memórias. Há um medo tremendo de que se admitirmos que, afinal, fizemos, sim, algum mal, de alguma forma, a algumas pessoas, nosso trabalho possa ser restrito, nossa disciplina possa sentir-se envergonhada – talvez ninguém nos contrate, ou o governo não nos financie mais, ou talvez nossos amigos pensarão que somos seres humanos terríveis, ou nós vamos nos autoavaliar negativamente. De forma mais provável, não conseguiremos nossos vistos para retornar, ou, se estamos escrevendo “de casa”, nossos amigos e famílias podem sofrer as consequências por nossas palavras.

Mas, em minha experiência lecionando, comecei a acreditar que é importante falar sobre essas coisas. “Não fazer mal algum” é uma sugestão simplista demais – faz parecer que pesquisadores são, de alguma forma, criaturas angelicais acima da complexidade bagunçada da vida. Faz parecer possível não irmos a campo como os seres humanos comuns da vida cotidiana, que cometem erros, mas continuam tentando de toda forma; que trabalham para fazer o bem, mas frequentemente respondem ao medo; que não conseguem prever o futuro e, então, tomar a melhor decisão possível com informações limitadas sobre os fatos, mas percebem em retrospecto com frequência que nossas ações desencadearam reações que machucaram outras pessoas de maneira que não poderíamos ter imaginado, ou que, por vezes, ajudaram-nas para além de suas expectativas. Aqui, compartilho alguns dos momentos complexos que continuam a viver comigo.

Meu objetivo ao compartilhar sete deles é aprofundar o diálogo que orbita a ética em pesquisa, e mostrar um pouco do processo que caminha na direção de conhecer certas partes do mundo e escrever sobre elas para apontar que nós, pesquisadores, estamos nós mesmos profundamente implicados, e que, em muitos casos,

carregamos o impacto do nosso trabalho de campo pelo resto de nossas vidas.¹⁹³ Isso não é de forma alguma um problema, em meu ponto de vista. É apenas o jeito que as coisas são. *Seria* um problema se fôssemos, de alguma forma, tão distantes de tudo que nunca experimentássemos o espectro total da vida humana. O desafio é que nós recebamos crédito por fazer o que é dramático, ou pelos “atos de bondade” visíveis, ou mesmo apenas pela pesquisa científica sólida – esse livro reflete isso. Mas é muito, muito mais difícil escrever sobre as coisas que não foram muito bem, quando não estávamos certos se tínhamos tomado a decisão correta, quando, talvez, nos magoamos e, então, tivemos que passar anos em processo de cura. Não é, no entanto, porque é difícil que não valha a pena fazê-lo, ou que outros não possam aprender a partir de nossa experiência e conhecimento da realidade bagunçada e complicada do trabalho que desempenhamos. Aqui, a pedido de um de meus alunos que leram este trabalho, também gostaria de colocar um aviso de gatilho: o que se segue tem o potencial de perturbar a tranquilidade e de mexer com memórias e emoções. O trabalho de campo, no entanto, produz isso por si só, frequentemente em um ínfimo instante, e certamente sem um aviso prévio. Envolver-se com tais memórias e emoções no texto pode, talvez, ser uma prática útil para, no mínimo, fazer-se ciente dos próprios gatilhos – e, assim, ser capaz de manejar as reações quando elas vêm.

1. MERCÚRIO

Estava com alguns colegas, e saímos para um *tour* em uma escola muito exclusiva em uma das maiores cidades do país. As instalações eram impressionantes, e no momento em que éramos conduzidos por um laboratório de ciências, o professor, entusiasmado, exibiu um frasco de mercúrio. Ele gesticulava bastante explanando sobre pedagogia. O mercúrio foi derramado para fora do frasco sobre a carteira de um dos alunos (não havia, por sorte, alunos na sala naquele momento), infiltrou-se nas rachaduras e desapareceu. Ninguém disse nada, e o professor colocou, então, o frasco, agora vazio, de volta onde estava antes.

2. JANTAR

Mudei-me para meu próprio apartamento duas semanas após iniciar o trabalho de campo. Um dos vizinhos do andar de baixo também era estrangeiro em

193 Ver também Posel e Ross (2015).

Angola. Encontramo-nos algumas vezes nas escadas, ele era perfeitamente gentil, e eu ainda não tinha amigo algum da minha idade. Ele me perguntou se poderia ir até meu apartamento para jantar, e explicou que vivia com sua mãe – não fosse isso, ele me convidaria para jantar em seu apartamento. Disse que sim, não havia problema, que ele viesse às 18 horas. Ele chegou atrasado, por volta das 21 horas. Tinha desistido dele e comido há muito tempo, mas pensei “claro, entre, vamos tomar um pouco de chá”. Ele queria vinho, e tinha trazido consigo, então bebemos juntos. Quando a conversa derivou para o assunto do colonialismo, ele repentinamente tornou-se muito violento. Machuquei-me, embora não com gravidade a ponto de ir parar no hospital. Ele saiu furioso do meu apartamento. Eu o evitei nos corredores do prédio daquele momento em diante. Ele nunca se desculpou. Não bebi nenhuma bebida alcoólica por dois anos.

3. A FOTOGRAFIA DE UMA GAROTINHA

Essa experiência também foi narrada na Introdução...

Quando cheguei a Lobito pela primeira vez, usava muito o mototáxi como passageira, pagando um preço bem em conta. Conversei com Abrão, quem me ajudou a comprar minha própria moto, e me senti muito mais segura. Fui conhecer a família de Abrão em um dos subúrbios mais pobres de Lobito. Sete pessoas moravam em uma casa feita de blocos de concreto de dois cômodos e cheia de mosquitos. Tirei fotos de suas sobrinhas pois sua mãe me pediu. Bebi um pouco de suco e comi alguns biscoitos, e quando me preparei para sair, sua mãe me deu duas fronhas de travesseiro de cetim rosa e um lençol como presente de boas-vindas ao país. Ainda as tenho.

Imprimi as fotos e liguei para Abrão para dá-las a ele, mas ele havia perdido seu celular e nunca me respondeu. Por meses, elas ficaram ao lado da minha cama. Quando se aproximou o momento de eu deixar o país, fui até o lugar onde ele morava e perguntei por ele. Os vizinhos me ajudaram a encontrar sua casa no labirinto de caminhos estreitos. Trouxe comigo uma rede para mosquitos, alguns lençóis e as fotos. Eu os dei para sua mãe, e ela começou a chorar descontroladamente. Eu não entendia o que estava acontecendo. Abrão olhou para as fotografias e suspirou profundamente – a garotinha que usava um vestido laranja havia morrido, ele disse. Em choque, eu perguntei por quê. “As crianças apenas morrem às vezes”, ele respondeu encolhendo os ombros. Foi a primeira e a única fotografia que eles tiveram dela (Registro de Campo 140611).

4. AJUDANDO ESTRANHOS

De uma janela do meu apartamento, conseguia ver a estrada que unia uma parte de Lobito à outra. Um dia, decidi explorá-la. Em minha moto, fui até o ponto onde achei que ela começava, mas eu não conseguia ver um ponto de entrada óbvio. Perguntei a um pedestre onde era. Ele disse “é bem aqui”, e se ofereceu para me mostrar, pois ele estava indo para casa e teria que pegar a estrada de toda forma. Com frequência, eu dava carona para as pessoas na moto, então aceitei. Passamos pelo que parecia ser a entrada de uma fábrica de cimento. Parei e perguntei se ele tinha certeza sobre o caminho – ele estava bastante confiante a respeito, apontando para a esquina. Prossegui lentamente. De repente, nós fomos cercados por cinco homens que pareciam bravos. Eles gritaram conosco por estarmos invadindo uma propriedade privada. Eu estava verdadeiramente confusa, parei a moto e expliquei calmamente o mal-entendido. “Pergunte para o meu carona”, eu disse, “ele está só me mostrando o caminho”.

Um dos homens, que provou ser um dos seguranças do local, agarrou o homem que estava comigo e o puxou para fora da moto. “Você está tentando matar essa mulher!”, eles rugiram, “Você queria roubar a moto dela!”. Eles começaram a bater nele, e então eu gritei dizendo que era um grande mal-entendido. Um dos guardas encontrou uma barra de ferro que tinha um pouco de concreto e golpeou o homem nas costelas – achei que ouvi elas racharem. Gritei mais alto e um dos seguranças tentou pegar as chaves da minha moto. Naquele momento, um estrangeiro passou por nós, um homem branco. Ele parou para ver o que estava acontecendo. Era um gerente do Texas que não falava português, mas enquanto eu implorava para que ele interviesse de qualquer forma, meu antigo carona se soltou e fugiu. Os guardas não o perseguiram. Nunca mais vi nenhum deles novamente (Registro de Campo 140118).

5. SENDO AJUDADA POR UM ESTRANHO

Durante o início de meu trabalho de campo, em 2012, estava no Brasil realizando entrevistas preliminares e treinando meu português. Fui a Belo Horizonte de avião para fazer algumas reuniões, e cheguei ao aeroporto para meu voo de volta ao Rio de Janeiro apenas para descobrir que ele havia sido reagendado para o dia seguinte. Não tinha muito dinheiro na época, então escolhi passar a noite no aeroporto, algo que já havia feito muitas vezes em diferentes partes do mundo. Escolhi um canto para ficar, falei com meus pais pelo Skype, escrevi algumas notas. Fui ao mesmo banheiro quatro vezes durante as várias horas que passei lá. Na quarta vez,

a zeladora e eu nos falamos. Ela me perguntou porque eu estava a tanto tempo no aeroporto. Expliquei minha situação e perguntei se ela conhecia lugares mais quentinhos do aeroporto para eu dormir, pois estava ficando tarde. Ela ficou em silêncio por um momento, e me disse: “filha, se minha filha estivesse em um país estranho, eu não iria querer que ela dormisse em um aeroporto. Vem pra minha casa – é humilde, mas nós temos uma cama para você”.

Parei por um instante e considerei a sugestão. Emerelda tinha cinquenta e poucos anos e listras acinzentadas em seu cabelo. Ela me disse que seu próximo turno era de manhã cedinho, então ela iria pegar o ônibus de volta às 5 horas da manhã, de toda forma. Eu disse ok, agradei e peguei minhas malas. Depois de uma hora em um ônibus escuro onde seus colegas celebraram a gorjeta de cinco euros deixada no banheiro por um homem sueco e a dividiram entre eles, chegamos a um bairro que, mesmo com minha significativa exposição global à desigualdade, me devastou por dentro. Uma criança foi mandada para comprar um ovo para mim para complementar o feijão e o arroz; nós comemos. Os vizinhos vieram, e logo estávamos todos rindo. Mostrei para eles as fotografias da África do Sul em meu laptop – ninguém jamais havia visto um Mac de verdade antes.

Emerelda me disse que ela estava economizando para comprar um computador para sua filha, e eu pensei em Seu Oniko em Angola, que estava fazendo o mesmo. Dormi profundamente àquela noite em uma beliche estreita, e acordei logo após o amanhecer para pegar o ônibus. Deixei o dinheiro que tinha embaixo do travesseiro com um bilhete que dizia “poupança do laptop”, porque sabia que Emerelda não o aceitaria se fosse de outra forma. Quando fui embarcar em meu voo, acenei para ela. Ela veio e me abraçou, dizendo: “vai com Deus, filha”. Emerelda não tinha celular, então nunca mais ouvi falar dela, embora ela tenha me dado seu endereço e eu tenha enviado um cartão-postal para agradecê-la (Registro de Campo 120829).

6. VIAGEM E PRIVILÉGIO

Enquanto eu terminava de escrever este livro, fiz um cálculo aproximado das minhas viagens interregionais feitas a trabalho (não incluindo as movimentações diárias) desde o fim da minha graduação, e cheguei a aproximadamente 580.957 quilômetros. O cálculo incluía voos de volta da África do Sul, dos EUA, do Brasil, de Angola e das Ilhas Maurício, bem como o movimento circular entre cada um desses espaços e visitas a outros países para workshops, conferências e, no caso de Cuba, turismo deliberado para entender a Guerra Fria. O ponto do exercício era mais metafórico do que ser precisa a respeito da geografia e dos quilômetros voados,

mas o total calculado é literalmente uma viagem da Terra para a Lua de ida e volta (isso quando a Lua está razoavelmente mais perto do nosso planeta). Isso é bastante carbono jogado na atmosfera em meu nome.

Valeu a pena? Como me esforço para receber uma educação que custou tanto à Terra? O que aprendi é suficientemente significativo? Como posso retribuir? A maior parte do dia, estou calma em relação a esses assuntos. Trabalhei muito e tive muita sorte – nenhum desses dois fatores fica de pé sozinho – e eu me beneficiei por estar em instituições de elite e privilegiadas que se somaram aos privilégios que eu já tinha. Apropriei-me dos recursos do planeta para muito além da minha cota durante esse tempo, com certeza, mas também abri um grande número de portas para outras pessoas, e, em meu trabalho como professora, tento continuar fazendo isso. A despeito disso, frequentemente penso sobre a difícil entrevista para conseguir a bolsa de estudos que abriu esses caminhos de muitas maneiras. Durante a entrevista, a juíza constitucional sul-africana Edwin Cameron perguntou-me o que a raça humana estaria fazendo atualmente que poderia ser visto com o mesmo horror moral com o qual enxergamos a escravidão nos dias de hoje. Sem hesitar, respondi “viagens de avião” por conta das mudanças climáticas. Uma década depois, e 580.957 quilômetros...?

7. MALÁRIA

Peguei malária no início do trabalho de campo e nunca me recuperei totalmente. Meu corpo ficou seco e fraco, e meus sonhos foram febris por meses por conta da doença. O Brasil foi ótimo – misturei-me mais facilmente lá e, o mais importante, a comida foi nutritiva para mim –, mas tive que batalhar em Angola, país notoriamente difícil para vegetarianos. Isso dito, fiquei feliz por ter contraído malária, pois isso me deu uma experiência sensorial em primeira mão sobre uma doença que afeta quase toda a população em diferentes momentos e informa a maneira como as pessoas se movimentam, socializam, relaxam e dormem à noite. Quando me lembro da época em que estive doente, as duas semanas em que estive verdadeiramente mal foram relativamente fáceis de lidar: repouso e medicação. A recuperação foi muito mais complicada. Como você coleta dados – quanto mais constrói um país – quando seu corpo se sente como se até o seu próprio sangue tivesse perdido a energia para correr por suas veias e, ao invés disso, rasteja lentamente por elas?

O que é possível tirar disso? Para mim, tudo e nada. Essas experiências agora se agruparam no tecido mais longo da minha vida, que foi ricamente preenchido majoritariamente com bondade e sustenta minha fé em geral de que as pessoas via de regra são boas, confiáveis e inclinadas a tratar uma estranha como uma filha. Muitas pessoas, entretanto, não são, e eu reconheço isso. Meu próprio julgamento foi, por vezes, certamente falho – por isso, aceito de bom grado as consequências –, mas é possível aprender a partir dessas experiências, e prefiro abordar o mundo com abertura e curiosidade do que com um medo padrão. Anos depois, minha memória ainda me leva de volta àquele jantar, sobreposto a outras camadas, infelizmente muito comuns de violência, e eu nunca mais dei uma carona de moto a qualquer homem desconhecido novamente. Entretanto, recebi muitas pessoas para jantar em meu apartamento – homens e mulheres, sozinhos ou em grupo – e ainda amo interagir com estranhos e aprender com eles.

Visto à distância, meu trabalho de campo não foi particularmente perigoso – foi algo que precisava fazer, e fiz tão bem quanto pude, aproximando-me dele com peculiaridades de minha personalidade e com minha ética baseada em minhas crenças idiossincráticas sobre o certo e o errado, que, ainda bem, coadunavam com a lei. Penso em Angola apenas com grande sentimento de gratidão e simpatia. Meus amigos me dizem que ainda tenho uma tolerância alta para o risco, mas estamos mais velhos agora, então todos estamos fazendo escolhas diferentes – inclusive eu. Quando minha mãe insinuou que meus anjos da guarda provavelmente estavam cansados, eu ri, mas em minha última viagem a Angola, sacudindo sem capacete na garupa de um mototáxi morro acima com um caminhão sobrecarregado à minha frente, comecei a pensar que ela talvez tivesse razão. Quando meu companheiro gentilmente perguntou se eu poderia considerar ficar em um hotel ao invés de dormir no chão da casa de algum amigo, repentinamente percebi que isso é uma opção agora – tanto financeira quanto psicologicamente. Esse é um privilégio que tive a sorte de alcançar.

O ponto é que a vida cresce em todos nós, e temos que fazer nosso melhor para fazer escolhas certas com as informações limitadas que temos à disposição, alinhados com onde estamos em nosso próprio desenvolvimento, ou em nosso próprio caminho. “Não faça mal algum” é um excelente ponto de partida, mas quando se trata de ética, é o começo, e não o destino final, que, como na vida, é quase sempre mais complicado do que parece à primeira vista, e ainda mais se está postado no Instagram.

Por que isso importa? (visão)***Qual África está emergindo?***

Por volta de 2013, houve um grande burburinho iniciado pela *The Economist* sobre “o emergir da África”, mas o que isso sequer significa? A África não é um país, e este livro não é sobre o continente. É sobre um único Estado-nação na África, Angola, cuja história tornou visível padrões que espelham muito do resto do mundo. Olhando um só lugar de maneira mais detida, torna-se possível interrogar-se sobre alegações mais amplas e testá-las para ver se funcionam. A realidade é muito mais nuançada do que as manchetes da mídia sobre ascensões e quedas, e as redes que ligam aqueles que prosperam e aqueles que se debatem para sobreviver frequentemente existem para muito além das fronteiras geopolíticas.

Ao invés de imaginar um continente emergindo do mar, ou uma linda (mas mítica) Wakanda, é útil olhar para as pessoas em um lugar real, e para os sistemas socialmente mediados que guiam suas ações. Prestar atenção ao que estão fazendo e, mais importante, ver quem eles estão ajudando (e quem os está ajudando) nos dá uma visão sobre como o comércio, a política, as doutrinas religiosas, a ajuda e muito mais se manifestam na realidade dos mundos humanos. Tal conhecimento está na moda atualmente sob o título de *big data*, que observa os padrões de comportamento das pessoas na internet e levanta questões muito interessantes sobre ética, individualidade e generalizabilidade que parecem fazer o estudo do micro, como as coisas de fato se desenrolam no nível das pessoas comuns, ainda mais importante. É importante lembrar que quando se trata de um continente de, em 2018, algo em torno de 1,256 bilhão de pessoas em cinquenta e quatro países diferentes, precisão é algo muito importante, e estereótipos simplesmente não serão suficientes.

